**LER, CONTAR, ENCANTAR E SER ENCANTADO: UMA VISÃO DA AMPLITUDE DE LEITORES E LEITURA**

Maria Jocelma Duarte de Lima

Professora da Educação Básica. Graduada em Pedagogia pela UERN/CAMEAM.

E-mail: [jocelmaduarte@yahoo.com.br](mailto:jocelmaduarte@yahoo.com.br)

Maria Lúcia Pessoa Sampaio

Professora do Departamento de Educação, CAMEAM/UERN.

E-mail: [malupsampaio@hotmail.com](mailto:malupsampaio@hotmail.com)

Cássia da Silva

Professora da Universidade Regional do Cariri – URCA.

E-mail: [cassia\_silv@hotmail.com](mailto:cassia_silv@hotmail.com)

José Ismaildo Dantas de Oliveira

Professor da Educação Básica. Graduada em Pedagogia pela UERN/CAMEAM.

E-mail: [ismaildodantas19@gmail.com](mailto:ismaildodantas19@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo tem como finalidade evidenciar o ampla significado que tem a leitura, bem como a relevancia que a mesma tem na nossa formação, para isto, nos propomos a trazer diversas concepções de autores sobre o que é leitura, na amplitude da palavra. Pretendemos ainda, evidenciar também a importancia que se tem de diferenciar o ato de decodificar, do ato de ler, pois quando falamos em leitura não nescessariamente precisa estar interligada com a decodificação, pois existem leituras que prescedem a leitura da palavra. Esse trabalho resultado das experiencias vivenciadas no Programa Institucional com Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) do subprojeto “Mediadores de leitura e de texto em processo de (auto)formação”, do curso de Pedagogia da UERN/CAMEAM. Para tanto, temos como sujeitos da nossa pesquisa duas supervisoras e sete bolsistas que atuam no programa, mais especificamente na Escola Estadual Patronato Alfredo Fernandes, localizada na cidade de Pau dos Ferros/RN. O instrumento escolhido para a pesquisa foi a entrevista focal.

**Palavras-chave**: Leitura. Leitores. Literatura. Formação.

INTRODUÇÃO:

O ato de ler, e a importancia que ele apresente para o nosso desenvolvimento em sociedade é um assunto que vem se debatendo cada vez mais no decorrer do tempo, e junto a isso vemos também que aos poucos vamos superando e separando o ato de ler, do ato de decodificar, que ao longo dos anos foi tratado unicamente como leitura.

Temos como objetivo geral da nossa pesquisa, abordar aspectos importantes sobre a leitura e sobre os leitores literários, e o quanto se tem falado de ambos nos últimos tempos. Enfatizaremos, mais especificamente, as amplas definições que muitos autores dão ao falar de leitura e de leitores, ressaltando também a diferença entre o ato de ler e o ato de decodificar, além de enfocar a amplitude que a leitura tem na formação humana.

A nossa pesquisa foi desenvolvida através da participação do Programa Institucional com Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), mais especificamente através do subprojeto do curso de Pedagogia da UERN/CAMEM, denominado “Mediadores de leitura e de texto em processo de (auto)formação”. Desta maneira, os sujeitos da nossa pesquisa são duas professoras supervisoras e sete bolsistas que atuaram na Escola Patronato Alfredo Fernandes no decorrer do programa.

Buscamos através da nossa pesquisa, saber das supervisoras e bolsistas do programa PIBID sobre as concepções delas sobre a leitura literária, as significativas contribuições que o programa tem trago para a formação leitora dos envolvidos.

Para chegarmos aos nossos objetivos partimos do pressuposto de que não podemos ir a campo com o intuito de julgar a pratica dos envolvidos na pesquisa pois “[...] o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa” (GOLDENBERG, 2004 p. 17). Desta forma, optamos por uma pesquisa com abordagem qualitativa, na qual temos a intenção de conhecer, analisar e refletir sobre a realidade que pretendemos estudar.

Outro passo importante para uma pesquisa é o instrumento que se escolhe para realiza-la, pois deve ir de encontro aos objetivos traçados. A nossa escolha foi a entrevista focal, que foi realizada com as professoras supervisoras que atuam na escola e com as alunas de graduação que também atuam como bolsistas na instituição. O que nos levou a escolher esse instrumento para a nossa pesquisa está relacionado ao número de bolsistas que atuam nesse *lócus* e nas riquezas de experiências que cada um tem a oferecer a nossa investigação.

A entrevista foi mediada com perguntas voltadas para a formação leitora das supervisoras e bolsistas que atuam no programa PIBID. A nossa entrevista foi filmada, mas, antes, todo o procedimento foi informado e aceito pelos sujeitos que iriam participar. Priorizamos a filmagem para que tivéssemos uma melhor visão das expressões que os sujeitos demostrassem no decorrer da entrevista, já que acreditamos que as expressões “falam muito” e encontramos apoio ao nosso critério de escolha nas palavras de Barbour (2009, p. 106), quando diz: “[...] com certeza, os vídeos podem capturar todas as comunicações não verbais importantes e auxiliar na identificação dos falantes individuais”.

A entrevista foi transcrita segundo as orientações da autora supracitada, que sugere que os pesquisadores façam parte desse processo de transcrição, pois ele é riquíssimo para que o mesmo possa de “apropriar” das respostas dos sujeitos da pesquisa.

Portanto, esse trabalho apresenta além da introdução. uma parte teórica onde ressaltamos diversas concepções que dão suporte a nossa pesquisa. Em seguida, trazemos os dados e as análises coletados através da nossa pesquisa. e por últimos trazemos as nossas considerações finais sobre o assunto abordado no nosso trabalho.

## **Leitura e leitores literários: uma relação muito mais ampla do que muitos conhecem**

Ao falar em leitura, muitos remetem automaticamente ao ato de decodificação das palavras e ao processo de alfabetização, além de associar a responsabilidade do aprendizado, muitas vezes, somente às escolas e, por consequência, aos professores. Mas, quando nos aprofundarmos melhor no assunto, percebemos que ele é muito mais amplo do que a maioria das pessoas pensam ou dizem. Certamente, a leitura tem uma finalidade muito maior do que apenas decifrar códigos.

Diante da imensidão de discussões sobre a leitura, optamos por trazer a concepção de alguns autores sobre a mesma, para que possamos ter um embasamento sólido para a nossa pesquisa, e consequentemente para a análise dos dados que conseguimos através dela.

Primeiramente, trazermos o ponto de vista de Villardi (1999) que traz à tona uma discussão sobre a leitura deleite, bem como a relação do processo de mediação com o gosto do aluno por ela. A autora mostra, ainda, o conceito do que seja a leitura e sua amplitude ao longo do tempo:

A princípio, tendemos a considerar que ler é “reconhecer palavras”, decodificar, ou seja, sabe ler quem é alfabetizado. Este enfoque restrito se alarga quando consideramos que a leitura, efetivamente, só se faz no momento em que somos capazes de atribuir sentido ao que foi decodificado. Mas numa visão ainda mais ampla, ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania. (VILLARDI, 1999, p. 3-4).

A autora traz à tona uma discussão bastante importante, que devemos sempre priorizar quando estamos em contato com a formação de leitores, a diferença de ler e decodificar. Valoriza ainda o fato de buscarmos sempre uma interpretação para o que lemos, pois de nada vale a decifração de códigos, se não conseguirmos interpretar e associar a algo na nossa vivencia. Portanto, se o aluno não conseguir decifrar um código, mas souber fazer uma leitura de imagem e interpreta-la, devemos valorizar essa ação, pois este também é um ato de ler.

Na concepção de Martins (2007) sobre o assunto em questão, a autora afirma que para que o ato de ler aconteça é necessário haver tanto o processo de decodificação, como o processo de compreensão do que foi decodificado, porque “[...] decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível” (MARTINS, 2007, p. 32). No entanto, diante da necessidade de uma definição mais ampla sobre a leitura e os leitores, a estudiosa declara:

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o *dar sentido a um texto* implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. E a noção de texto aqui também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens. (MARTINS, 2007, p. 32-33).

Podemos ver que as concepções das autoras se aproximam na mesma finalidade, ou seja, ambas falam sobre a importância de valorizar a interpretação do que lemos, pois de nada vale uma decodificação, sem que haja nenhuma interpretação ou entendimento. O ato de ler, está intimamente ligado ao ato de interpretar, de internalizar para a nossa vivencia em sociedade, muitas vezes as histórias que encontramos nos livros são tão parecidas com a nossa realidade, que podemos ali encontrar soluções para superarmos as adversidades, por isso a importância de compreendermos o que estamos lendo.

Na constante busca por nos aprofundarmos em conceitos do que seja a leitura, deparamo-nos com a concepção do grande alfabetizador Paulo Freire em sua obra: “A importância do ato de ler: em três artigos que se completam”, na qual inicia sua escrita sobre o ato de ler, baseando-se em suas experiências de vida. O autor enfoca três aspectos relevantes que estão presentes na leitura: a *leitura de mundo*, a *leitura das palavras* e a *compreensão do que foi lido*. De acordo com ele são atos que se completam e estão presentes na atividade da leitura. Percebemos isso quando o estudioso fala que a leitura

[...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. (FREIRE, 1989, p. 9).

Na sua afirmação, Freire reafirma o que as outras autoras ressaltam, trazendo o conceito de leitura de mundo, e ressaltando a ligação que esta leitura de mundo tem com a leitura das palavras, que ambas são indissociáveis. Em outras palavras, essa leitura de mundo também está muito ligada as experiencias que cada aluno traz consigo quando chega na escola, por mais novo que ele seja, cada um apresenta uma gama de aprendizado que pode contribuir valiosamente para que possa aprender a decodificar e principalmente ler, na amplitude da palavra.

Outra definição do que é a leitura e o ato de ler pode ser vista através de uma analogia com o conto infantil: “A bela adormecida”, no qual Morais (2013) descreve de maneira eficaz como se dá a relação do leitor com o livro, detalhando passos dessa viagem e deste encontro. Nas palavras do autor

A viagem do príncipe encantado é a viagem do leitor literário. Isso se torna simbolicamente evidente se percebermos quão apta é imagem da Bela, dormindo com todos os seus dons inativos, para representar a situação de um livro fechado, adormecido numa estante. Assim como a Bela em seu leito no alto do castelo, também o livro fechado está à espera de que alguém vença todos os obstáculos do caminho para chegar até ele e usufruir de suas potencialidades. O beijo que o livro, Belo adormecido, aguarda, é a leitura; o príncipe encantado que o libertará de seu torpor, talvez centenário como o da Bela, é o leitor. (MORAIS, 2013, p. 78).

Se repararmos na trajetória feita pelo pesquisador em sua analogia, encontraremos um pouco da realidade de muitos legentes que, mesmo com os obstáculos que se apresentam em uma vida rotineira e cansativa, conseguem driblar tudo isso e se deleitar em um bom livro. De fato, um leitor capaz de fazer isso é um leitor que ler por puro prazer, pois a leitura obrigada, dificilmente, é capaz de conseguir tamanho feito. Afinal, quem ler por obrigação sempre encontra uma desculpa para que o livro continue ali adormecido.

Nesse sentido, é notório que o autor foi feliz em sua analogia, já que ressaltou verdades importantes da vida de um ledor. Faz-se importante salientar que: feliz do livro adormecido que consegue um príncipe corajoso (um leitor) capaz de lutar bravamente para acordá-lo. Eis aí um dos grandes poderes da literatura: ser capaz de fascinar seus leitores ao ponto de diariamente nos transformarmos em príncipes para usufruirmos momentaneamente das muitas realidades que nos são possibilitadas através da leitura de um livro.

Ler é mesmo uma “viagem”, daquelas que podemos escolher o nosso destino nas nossas mãos, podemos conhecer histórias, lugares, culturas e pessoas diferentes através de um livro, o conhecimento de fato é o maior poder da literatura. E para que possamos disfrutar de tamanho privilegio, temos que ser leitores formados para realmente gostar de ler, que a obrigatoriedade ande longe dos nossos encontros literários, pois a obrigação pode vim a interferir nesse processo.

Perante tudo que já foi exposto no decorrer da nossa escrita, vemo-nos capazes de definirmos o que seja a leitura. Pelo menos, no nosso ponto de vista: ler é vida e viver é ler, porque o mundo em que vivemos precisa ser lido e entendido, as pessoas que nos rodeiam precisam ser lidas para melhor serem entendidas, o nosso corpo e até a nosso interior precisa ser lido e compreendido para que possamos ficarmos bem com nós mesmos. Quando falamos em ler, nos referimos ao sentido mais amplo da palavra: falamos de ler o mundo e tudo que dele faz parte, de ler sorrisos e olhares, de ler histórias em um livro só de imagens, uma mãe entendendo perfeitamente o que o seu bebê quer através de um simples choro, tudo isso é ler e tudo isso é vida.

É claro que decodificar faz parte, e esperamos que uma criança frequente a escola em busca de aprender justamente isso. Porém, temos que começar a entender e a ensinar que o ato de ler e a literatura têm muito mais magia e sentido quando nos permitimos conhecer todas as suas possibilidades. Devemos instigar cada vez mais aos leitores e não leitores a fazerem parte do imaginário de muitos escritores, que estão sempre dispostos a distribuir um pouco de fantasia, mistérios e alegrias para todos.

## A FORMAÇÃO LEITORA: UMA ANÁLISE DA REALIDADE DAS SUPERVISORAS E BOLSISTAS DO PIBID/PEDAGOGIA

Apresentamos aqui os sujeitos envolvidos na nossa pesquisa, na qual buscamos denominar as supervisoras como *S1* e *S2.* E as bolsistas como *B1, B2, B3, B4, B5, B6,* e *B7.* Vale ressaltar que fizemos uma analise geral de todas as respostas, das quais se relacionaram no decorrer da pesquisa, e iremos expor aqui as respostas, que de maneira geral evidenciam a essência das respostas das demais.

Partimos do pressuposto de que para ensinar alguém a gostar de ler temos nós mesmos de gostarmos, iremos analisar, a princípio, a concepção das professoras supervisoras e das bolsistas do PIBID sobre a leitura literária e a relação entre elas. Para tanto, perguntamos quais eram as suas respectivas concepções de leitura literária e qual era a relação delas com esse tipo de leitura. Obtivemos respostas que vão ao encontro da amplitude do conceito de leitura que propomos desde o início do nosso trabalho.

Pensamos isso quando a professora S1 relatou um pouco da sua visão e de sua prática em sala de aula:

*[...] agora já não basta só decifrar um código, não basta só compreender o que o autor quis dizer no texto, a leitura acontece quando o leitor consegue dialogar com o que está no texto e traz para dentro dele a sua leitura de mundo torna-se um co-autor. Não basta ler para extrair do texto as respostas que o professor quer[...]quando eu vou trabalhar em sala de aula a leitura com eles. Eu coloco eles lá para lerem no cantinho da leitura eu também pego um livro e vou ler. Ai eles, professora a senhora está lendo que livro? Quer dizer né que já desperta o interesse, eles devem pensar “ah à professora gosta de ler também” [...].* (TRECHO DA ENTREVISTA DA S1).

O que podemos perceber na fala da professora é a concretização do que grande parte dos autores, aqui abordados, enfoca sobre a imensidão do que é a leitura e de como essa atividade vai muito além da decodificação dos códigos. Dessa maneira, concordamos com a professora e as demais bolsistas que ressaltaram essa condição que a leitura assume. Relacionamos as respostas obtidas com a concepção de Villardi (1999) quando a autora aborda essa amplitude na concepção do ato de ler e podemos relacionar, também, às ideias de Freire (1989) que trata da leitura do mundo e como ela antecede a leitura das palavras, justamente como a professora S1 explica.

O que nos deixou fascinadas enquanto pesquisadoras foi saber que realmente todos os envolvidos no PIBID, atuantes na escola Patronato, enxergam a leitura como algo muito além do ato de decodificar ou de ser alfabetizado. Percebemos isso ao ter unanimidade nas respostas sobre esse assunto. No que diz respeito ao contato com essa leitura literária, surpreendemo-nos com alguns fatos que nos levou a acreditar verdadeiramente na formação leitora que o subprojeto está proporcionando. Chegamos a esta conclusão através das respostas das bolsistas B3 e B6 em que ambas relatam as mudanças que acontecem nesse quesito após o ingresso no PIBID. B3 relata: “*[...] eu gostava muito de ler, mas quando passei para o Ensino Médio eu fui me distanciando, principalmente devido uns problemas que me distanciaram, mas hoje me encontro me reaproximando devido a participação no PIBID*” (TRECHO DA ENTREVISTA DA B3); e B6 nos disse que:

*[...] como leitora me identifiquei mais depois que eu entrei na universidade porque antes eu não tinha o hábito de ler, eu nunca tinha conseguido ler um livro por inteiro, aí depois que entrei na universidade e com a ajuda do PIBID, com as leituras propostas pelo PIBID foi aonde eu pude me encontrar, comecei a ler e a gostar da leitura, me encontrei mesmo.* (TRECHO DA ENTREVISTA DA B6).

Diante do relatado, podemos ver o quanto o PIBID vem contribuindo para a formação dos alunos universitários, principalmente quando o assunto é formação leitora. Quando a B3 fala que ao passar para o ensino médio foi se distanciando da leitura, novamente nos fez lembrarmos o que Villardi (1999) traz na sua obra, isto é, a autora mostra que quanto maior o grau de escolaridade, menor vai se tornando o contato com a leitura literária prazerosa e, possivelmente, isso se deve a maneira como essa prática passa a ser imposta na vida dos estudantes. Lembramos, também, das discussões de Pennac (2011), nas quais ele traz algumas ações que podem causar esse distanciamento entre leitor e o livro.

Conseguimos perceber, ainda, nas falas da B3 e da B6, que o PIBID está conseguindo cumprir com os seus objetivos, nesse caso específico, com a formação inicial dos alunos de graduação. Já sobre as outras bolsistas, podemos dizer que a leitura já era algo enraizado nos seus cotidianos e a participação no programa só veio a contribuir para as suas formações leitoras, que, diga-se de passagem, é um processo contínuo e inacabado, pois a cada novo livro o legente incorpora novos conhecimentos. Percebemos o prazer na fala da B2 quando ela fala da sua relação com a leitura:

*[...] a minha relação com esse tipo de texto é realmente de amante pela literatura já que sempre eu desde criança fui instigada a ler e até hoje embora ainda esteja no processo de formação leitora eu sempre busco ler mais e mais na busca de resignificar o mundo e de construir novos significados e realmente ter esse prazer de estar em contato com os livros.* (TRECHO DA ENTREVISTA DA B2).

É justamente esse “tipo” de leitor – já comentado por Villardi (1999) – que devemos formar. Um leitor que realmente gosta e que sente prazer em ler, que busca suprir algumas de suas necessidades através do ato da leitura. É muito significativo para o programa contar com mediadores apaixonados por essa prática, só assim conseguirão êxito nas atividades propostas. Então, diante das falas das bolsistas e supervisoras, podemos constatar que o programa é realmente composto por alunos universitários e por profissionais que, de fato, gostam de ler. Em relação àqueles que ainda não tem esse gosto, o programa vem executando seu dever de despertá-lo de forma prazerosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Podemos concluir que a leitura é uma área imprescindível na formação de todos, desde as crianças até os adultos por ser uma ação significativa no âmbito de formar cidadãos. O ato de ler vai muito além de decifrar códigos e a mediação da leitura está diretamente ligada ao gostar ou não gostar por parte dos alunos. Podemos verificar que o trabalho com a leitura realizado pelas bolsistas do PIBID foi significativamente positivo e que está presente na prática de toda a escola, em especial nas salas das professoras supervisoras.

O universo da leitura é inconclusivo e vasto, que requer que sejamos leitores formados para realmente gostar de ler, pois os caminhos que perpassam esse ato são muitos, mas as possibilidades de múltiplos aprendizados são certas. Que possamos ler mais, incentivar mais, e tornar o universo da leitura cada vez mais perto das pessoas, pois a nossa sociedade, principalmente as nossas crianças “gritam” diariamente um pedido de socorro, que acreditamos que só pode vim através da leitura.

REFERÊNCIAS:

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MORAIS, Carlos Francisco. Leitura de textos literários: para que e para quem? In: BARBOSA, Juliana Bertucci; BARBOSA, Marinalva Vieira (Orgs.). **Leitura e mediação:** reflexões sobrea formação deprofessores. 1ª ed. Campinas, SP: Mercado de letras, 2013, p. 73-96.

PENNAC, Daniel. **Como um romance.** Trad. Leny Werneck. Porto Alegre, RS: L&PM Pocket; Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida.** Rio de Janeiro: Qualitymark Ed, 1999.